

# Comércio já convive com a dolarização

LIA CARNEIRO

SÃO PAULO — Depois que a maioria dos economistas de plantão atacou as idéias de dolarização de André Lara Resende, um dos pais do Plano Cruzado, agora é a vez da tese ser defendida no exterior. Valeriano Garcia, economista senior do Banco Mundial, assinou um relatório que retomou a polêmica na semana passada. Além de criticar severamente a política econômica do ministro Marcílio Marques Moreira, Garcia incentiva a idéia da dolarização. As medidas que devem acompanhar a receita são as seguintes: ajuste fiscal (superávit para o setor público de 6% do PIB), ampla abertura da economia e reservas cambiais bem calibradas.

Na prática, a moeda norte-americana já faz parte do dia-a-dia dos brasileiros. Entre 1988 e 1989, quando a inflação disparou e a frequente manipulação governamental destruiu a credibilidade dos indicadores econômicos, o comércio foi um dos primeiros setores a adotar o dólar como indexador e também como moeda. Imóveis, objetos de arte, jóias, projetos de arquitetura



Batista Junior: caminho sem volta

ra e decoração burlam sem qualquer constrangimento a proibição legal de mercadorias e serviços oferecidos com preços em dólar. Com a chegada dos importados, e a explosão de preços em dólar também nas prateleiras, aos poucos, os lojistas de setores mais comuns, como o do vestuário, também estão aderindo aos encantos da estabilidade da moeda norte-americana.

**Illegal** — “Tudo o que se faz nesta vida, se faz em dólar”, explica o presidente do Clube dos Diretores Lojistas do Shopping Paulista, Nabil

Khaznadar. “Não sei de roupas vendidas com etiqueta em dólar, mas garanto que todas as nossas contas e custos são contabilizados em dólar”, acrescenta Nabil.

O diretor da Júlio Bogoricin Imóveis, Luis Mortari, lembra que o dólar passou a ser adotado quando a inflação saiu de controle. “É mais: o preço em dólar do imóvel assusta menos o consumidor. É até uma questão de marketing os anúncios em dólar”, explica Mortari, que é contra a dolarização, porque acredita que ainda não há reservas

cambiais suficientes. “Foi o mercado que exigiu o dólar diante da falta de credibilidade dos outros indicadores”, afirma a dona da galeria São Paulo, a marchand Regina Boni. “Acho que devíamos dolarizar, mas não igual à experiência argentina porque a estrutura econômica é totalmente diferente.”

Para o economista da Fundação Getúlio Vargas e da Fundação do Desenvolvimento Administrativo, Paulo Nogueira Batista Junior, é preciso tomar cuidados com os riscos da dolarização. “Não li o documento do Banco Mundial, mas se a sugestão de uma folga cambial for uma espécie de insinuação de mega ou maxidesvalorização, o professor Mário Henrique Simonsen já batizou de antemão tal medida como Plano Hiroshima”, argumenta Batista Júnior, que se posiciona contra qualquer tipo de dolarização. “E na sequência de Hiroshima, segue Nagasaki”, ironiza o economista. “É preciso lembrar também que as medidas de dolarização são difíceis de reverter. Pode ser um caminho sem volta.”

Arquivo